

# ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: AS CONCEPÇÕES DOS ACADÊMICOS DE LICENCIATURA DA UFMS/CAMPUS DO PANTANAL

**Bruno Marini Bruneri**

**Resumo:** Pretendemos discutir neste texto as concepções de alfabetização e letramento apresentadas por acadêmicos de licenciaturas da UFMS/CPAN. Para tanto, realizamos uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo, cujos dados coletados através de questionário aberto nos apontaram o entendimento dos futuros professores sobre temática apresentada. Nessa direção, nos apoiamos em referenciais que nos demonstraram que ler e escrever são atos complexos, que extrapolam os níveis da (de)codificação e passa por níveis de compreensão e interpretação, sendo que seu desenvolvimento pleno envolve domínios: linguístico, cognitivo, social e afetivo. Obtivemos como resultados as concepções trazidas por nossos sujeitos objetos de investigação que a alfabetização significa ler e escrever e que os mesmos não conheciam o termo letramento.

**Palavras-chaves:** alfabetização, letramento, formação inicial

## **Introdução**

[...] a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem (SOLE, 1998, p. 32).

Incorporadas com extrema rapidez ao cotidiano da sociedade moderna, as inovações tecnológicas que exigem o domínio do código escrito – como os produtos da indústria gráfica, a imprensa e a internet – fizeram com que o acesso à informação tomasse dimensões incontáveis.

Dessa maneira, a escola deixa de ser o único centro de acesso à informação e passa a ter um novo objetivo na formação dos indivíduos: a organização e a compreensão das informações encontradas no cotidiano da sociedade contemporânea.

Nesse contexto, o ensino pautado na formação do sujeito chamado letrado, adquire um papel significativamente relevante na escola atual, pois o domínio da compreensão da língua escrita torna-se condição para a democratização das informações disponíveis no mundo e, conseqüentemente, a inserção plena desse indivíduo no mundo das letras.

Dessa forma, impõe-se às instituições que interagem com as crianças – nomeadamente a escola – a promoção da formação de novos hábitos leitores com vistas à formação para o letramento.

Introduzido recentemente no vocabulário da língua portuguesa, a palavra “letramento” começou a ser utilizada no Brasil em meados da década de 1980 por pesquisadores da área de Educação e Linguística a fim de ampliar os sentidos atribuídos a prática de alfabetizar (SOARES, 2002).

Isto porque, a partir da década de 1980, surgem simultaneamente nos meios acadêmicos do Brasil, da Europa e dos Estados Unidos, preocupações acerca da “necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita” (SOARES, 2008, p. 4).

A raiz etimológica do vocábulo advém da língua inglesa *literacy*, que vem do latim *littera* (letra), precedido do sufixo *-cy*, indicador de qualidade, condição, fato de ser. Ou seja, *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever (SOARES, 2002).

Inicialmente, essa palavra se apresenta no Brasil através dos discursos dos especialistas, mais precisamente no texto de Mary Kato, em seguida das autoras Leda Verdiani Tfouni e Ângela Kleiman, sendo que esta última figura-o em título de livro na década seguinte.

Esse termo técnico surge a partir da emergência de uma nova realidade social onde a condição de saber apenas codificar e decodificar não bastava mais para responder efetivamente às práticas sociais de uso da língua escrita. Em outras palavras, Soares (2002) afirma que o “letramento” se caracteriza ao indivíduo que sabe fazer uso do ler e escrever, aquele que responde às exigências que a sociedade requer nas práticas de leitura e escrita no cotidiano.

A partir de então, o termo vem ganhando destaque em outros espaços da sociedade, porém seus sentidos nem sempre são bem compreendidos – tão pouco os objetivos de sua utilização – e sua relação mais direta vem ocorrendo frequentemente com ação de alfabetizar. Mesmo a alfabetização não sendo pré-requisito para o letramento, segundo Mortatti (2004, p. 14):

[...] este está relacionado com a aquisição, utilização e funções da leitura e escrita em sociedades letradas, como habilidades e conhecimentos que precisam ser ensinados e aprendidos, estando relacionado também com a escolarização e a educação e abrangendo processos educativos que ocorrem em situações tanto escolares quanto não escolares.

Portanto, as ações promotoras do letramento não estão somente ligadas ao processo de alfabetização, tão pouco o seu desenvolvimento cessa a partir do momento que o sujeito esteja alfabetizado, porém sua ligação ocorre diretamente aos processos educativos ocorridos dentro dos espaços escolares.

Assim, entendendo o letramento como “o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita” (SOARES, 2002, p. 39) fica claro que estas ações se estendem ao longo do período escolar e engloba os conteúdos curriculares de todas as áreas e disciplinas, levando a crer que a responsabilidade sobre a compreensão e utilização das diversas linguagens e códigos presentes na sociedade são partes de um trabalho que não envolve somente o componente curricular de Língua Portuguesa, mas também de Matemática, História, Ciências entre os outros componentes do currículo atual.

Logo, o presente trabalho tem como objetivo investigar e analisar a concepção acerca da alfabetização e do letramento apresentadas por acadêmicos de licenciaturas do Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, tendo em vista que estes alunos serão os futuros profissionais da educação e que a partir de suas práticas pedagógicas dependerão a formação do sujeito leitor, capaz de lidar com os usos sociais da linguagem nas mais diferentes esferas da sociedade letrada.

Para compor este texto, procuramos referenciais teóricos em pesquisas pautadas na questão da importância da formação de leitores, do ato de ler e dos assuntos relacionados ao letramento (ECO, 1986, 1994; JOLIBERT, 1991; KLEIMAN, 1995; SOLÉ, 1998; COSSON, 2008; SOARES, 2008; entre outros). Essas produções demonstram que a leitura é um ato complexo, que extrapola os níveis da decodificação e passa por níveis de compreensão, até à interpretação, sendo que seu desenvolvimento pleno envolve domínios linguístico, cognitivo, social e afetivo.

Portanto, propomos para iniciar a discussão algumas considerações sobre as definições de alfabetização e letramento. Feito isso, partimos para os procedimentos metodológicos da pesquisa e a análise dos dados para que, por fim, façamos algumas considerações relevantes sobre a problemática que subjaz o presente texto.

## **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS**

Ao tratarmos sobre o uso social da linguagem, faz-se necessário antes de tudo definir os conceitos de alfabetização e letramento. Partimos então do pressuposto abordado por Soares (2002) de que alfabetização e letramento são dois processos distintos e da sua compreensão dependerão os caminhos a serem percorridos para a formação de leitores que compreendam os significados de textos.

Sendo assim, primeiramente, conceituaremos alfabetização nas palavras de Soares (2003b, p. 80):

[...] tomando-se a palavra em seu sentido próprio como o processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético, ortográfico).

Ademais, para não reduzir a alfabetização a um mero mecanismo de codificação e decodificação, o conceito de alfabetização pode ser compreendido como um sistema mais amplo, ou seja, como um processo de compreensão e expressão de significados morfológicos, sintáticos e semânticos da língua escrita “não se escreve como se fala, mesmo quando se fala em situações formais; não se fala como se escreve, mesmo quando se escreve em contextos formais” (SOARES, 2003a, p. 17).

Portanto, alfabetizar é entendido como fazer com que o educando compreenda as convenções do código alfabético, decifrando as estruturas arbitrárias da escrita, através do desenvolvimento de competências e habilidades de análise estrutural das palavras como reflexão metalinguística.

Ampliando a discussão, diferentemente da mecânica de codificar e decodificar signos linguísticos, o termo letramento surge em um momento histórico onde há a necessidade de definir-se a utilização social da língua escrita na prática discursiva de um determinado grupo social. Segundo Kleiman (1998, p. 18) “podemos definir hoje letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Ainda dentro dessa perspectiva de utilização social da língua escrita, Soares (2003b, p. 80) define o termo amplamente ao apontar que:

Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento, que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos, habilidades de orientar-se pelos protocolos da leitura que marcam o texto ou de lançar mãos desses protocolos, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetos, o interlocutor...

Desse modo, para melhor definir e distinguir as ações entre alfabetização e letramento, Soares (2002) atribui o conceito aos usos sociais da leitura e da escrita pelo indivíduo que podem ou não dominar a tecnologia de codificar ou decodificar, pois, dentro

dessa perspectiva, o indivíduo pode não saber ler e escrever, mas pode ser letrado (atribuindo a este adjetivo o sentido vinculado ao letramento) ao ouvir uma leitura, ao ditar escrita (de uma carta ou uma lista de compras, por exemplo) faz uso da escrita e envolve-se em práticas sociais de leitura ou escrita.

Isso posto, fica claro que os processos de alfabetização e letramento são distintos, porém complementares no caminho de formar o leitor, pois:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – *a alfabetização* – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – *o letramento* (SOARES, 2008, p. 14, grifos da autora).

Nessa mesma direção, a divulgação no Brasil, a partir da década de 1980, da teoria construtivista acerca da aquisição da escrita, levou para muitos lugares a condenação do uso das cartilhas e de livros didáticos, que por muitas décadas foram utilizadas para o ensinamento das primeiras letras e tinham apenas a preocupação de ensinar a codificar e decodificar a língua escrita.

A crítica relacionada às atividades da alfabetização mecanizada, baseadas em exercícios de memorização e repetição – de letras, sílabas, palavras descontextualizadas e aglomerados de frases considerados textos – que são encontradas nas cartilhas, pauta-se na ausência de práticas geradoras de hábitos de leitura oferecidas por esses materiais. Segundo Mendonça; Mendonça (2007) as cartilhas não oferecem condições de situações didáticas atreladas a práticas sociais e reflexivas passíveis de situações de letramento, pois não se utilizam de diversos tipos de textos, muito menos são permeadas por práticas de discussões da realidade e de exercícios que valorizam o conhecimento prévio do aluno por meio da oralidade.

Assim, se o que se observa é que essas estratégias de ensino, trazidas por esses materiais, nada contribuem para a formação de leitores críticos e infelizmente sua utilização é praticada até os dias de hoje.

Cabe então afirmar que o objetivo primordial é fazer com que o aluno seja um leitor autônomo, que compreenda os sentidos mais profundos do texto e os relacione com a realidade, não é possível tomar como unidade básica de ensino nem a letra, nem a sílaba, nem a palavra, nem a frase que, descontextualizadas, pouco têm a ver com a competência discursiva, ou seja, a capacidade de se produzir discursos – orais ou escritos – adequados a

situações enunciadas em questão, considerando todos os aspectos e decisões envolvidas nesse processo, que é questão central. Dentro desse marco, a unidade básica de ensino só pode ser o texto (BRASIL, 1998, p. 23).

Tradicionalmente, na escola, a leitura é utilizada com a finalidade de ensinar a ler, ou seja, lê-se para aprender a decodificar; porém, no cotidiano, a leitura é regida por outros objetivos, que conformam o comportamento do leitor e sua atitude em relação ao texto. No dia-a-dia, uma pessoa pode ler para sentir prazer, lendo um romance, um livro religioso, humorístico, para informar-se ao ler um jornal ou uma revista informativa, ler para agir ao ler uma placa.

Essas leituras, guiadas por diferentes objetivos, produzem efeitos variados, que modificam a ação do leitor diante do texto. São essas práticas sociais que devem ser vividas em nossa sala de aula, pois leitura não é simplesmente decodificar, conforme afirma Freire (2005, p. 11):

[...] uma compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura das palavras

Para que isso ocorra, faz-se necessário um trabalho interdisciplinar que considere a leitura como eixo de trabalho, partindo do pressuposto que todas as áreas do conhecimento têm como refém o texto escrito ou algum tipo de linguagem que se utilize de códigos capazes de serem analisados e interpretados.

### **Procedimentos metodológicos e análise dos dados**

Tendo em vista o objetivo proposto, neste estudo adotamos a abordagem qualitativa de pesquisa, com trabalho de campo, uma vez que buscou as informações diretamente com a população investigada (GONSALVES, 2005), cuja coleta de dados se procedeu com uso de questionário aberto, composto por seis questões, com a finalidade de identificar as concepções acerca da alfabetização e letramento de acadêmicos matriculados nos cursos de licenciatura em Matemática, Letras, Educação Física, Ciências Biológicas e História do Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no ano de 2013.

Sendo assim, aplicamos o questionário em alunos de cada uma das licenciaturas supracitadas, sendo que as perguntas formuladas abordaram as seguintes questões: o entendimento de alfabetização e do estado de ser alfabetizado; o conhecimento da palavra letramento e seu significado; a opinião sobre a escola no processo de ensinar a ler e escrever;

a importância do ler e escrever na sociedade atual; e por fim, a se existe uma idade adequada para iniciar a alfabetização.

Para o tratamento dos dados procuramos regularidades nas respostas e a análise das respostas oferecidas a cada uma das questões foi feita sem o cruzamento dos resultados de entre elas. Cabe destacar que os dados aqui analisados fazem parte de um recorte demonstrativo da coleta.

Na primeira questão, ao serem inquiridos sobre o entendimento de alfabetização e do estado de estar alfabetizado, todos os sujeitos ofereceram respostas semelhantes, apontando que alfabetização é ler e escrever, como pode ser visualizado nas respostas transcritas abaixo:

[...] saber ler e escrever (suj. 1).

[...] ser capaz de ler um texto (suj. 2).

Complementando a resposta, para todos os sujeitos, estar alfabetizado diz respeito ao domínio ou exercício da habilidade citada. Tais respostas confirmam o entendimento do conceito de alfabetização que historicamente ficou atrelado ao ensino-aprendizado da “técnica” de ler e escrever o sistema alfabético, que, sucintamente, corresponde na leitura, a destreza de decodificar os sinais gráficos em sons e, conseqüentemente, na escrita, a destreza de codificar os sons da fala em sinais gráficos.

Dessa forma, foi possível observar que os sujeitos comungam da ideia de que a alfabetização centra-se na mecânica; contudo, ao explicar o que é ser alfabetizado, duas respostas indicaram um entendimento que não reduzido ao ato da técnica nos chamaram a atenção por ampliar a conceituação:

[...] conseguir compreender o significado e não somente decodificar (suj. 2).

[...] conseguir se comunicar através da escrita (suj. 3).

Entretanto, quando perguntados sobre o conhecimento da palavra letramento e seu significado, três dos entrevistados declaram desconhecer o vocábulo e a condição de ser letrado, a exceção foi registrada entre os alunos dos cursos de Letras e Educação Física que descreveram o termo da seguinte forma:

Uma pessoa letrada é alguém que possui total conhecimento da língua materna. Alguém que conhece as regras e características de tal língua (suj. 2).

Estado aprofundado do conhecimento na ação de ensinar a ler e a escrever. Alguém que possa realizar a leitura e a escrita (suj. 4).

Na terceira questão, que versava sobre o ensino da leitura e da escrita feito na escola, perguntamos: “Em sua opinião a escola tem ensino a ler e a escrever do jeito certo? Por quê?”. Obtivemos como resposta de apenas um sujeito, que a escola vem ensinando a ler a escrever corretamente em suas palavras:

Sim, pois o número de analfabetos tem (sic) diminuído cada vez mais (suj. 1).

Os outros quatro sujeitos declararam que a escola não ensina a ler e a escrever do jeito certo, pois o “*ensino é superficial e a qualidade é duvidosa*” (suj. 4). Todos comungam da ideia de que seus egressos não dominam essas habilidades por falta de um trabalho mais efetivo e ainda sugerem que “é preciso adaptar o ensino da leitura e da escrita às necessidades individuais do aluno, cada estudante possui dificuldades que lhe são próprias” (suj. 3).

Ao entrarmos na discussão sobre a importância do ler e escrever para as pessoas e o que elas podem fazer com esse conhecimento foi unânime a ideia de que essas habilidades são necessárias para a vida na atual sociedade:

Ler e escrever é algo crucial na vida das pessoas qualquer que seja a área de trabalho de um sujeito... (suj. 2)

[...] tem a importância de obter mais conhecimento (suj. 4)

Além de ser essencial, já que toda nossa estrutura, tudo o que fazemos se é preciso ter esse conhecimento... (suj. 1)

Ainda dentro dessa premissa, três sujeitos atribuíram importância à capacidade de compreensão da realidade do indivíduo e a possibilidade de mudança social:

Podem tentar mudar a sociedade (suj. 4).

Dessa forma, o cidadão pode compreender o mundo em sua volta (suj. 2).

Conhecer os seus direitos, interagir na sociedade (suj. 5).

Já na quinta questão, ao serem questionados sobre uma idade adequada das crianças para início da alfabetização e o porquê, todos concordaram que o ideal seria o quanto antes, sem, no entanto, sugerir uma idade adequada, exceto o suj. 1 que pontuou:

Acho que a partir do 5 anos já se pode iniciar o ensino. Crianças têm mais facilidade, maior absorção de conhecimento. Ótimas para aprender (suj. 1).

As respostas dos inquiridos referentes ao período ideal para início do ensino das primeiras letras nos reportam ao debate entre defensores e os críticos da presença alfabetização na Educação Infantil.

Neste contexto, cabe destacar que defendemos a ideia de que a criança pequena deve ter contato, mesmo na primeira infância, com diferentes tipos de linguagem, dentre elas a linguagem escrita; isto porque esta experiência tornaria a prática de ensinar a mecânica de ler e escrever mais fácil, significativa e efetiva nos primeiros anos do Ensino Fundamental, como é recomendado nos documentos oficiais de educação de nosso país.

Assim, sustentamos que é através das atividades de letramento na Educação Infantil, permeadas por objetos significativos devidamente identificados, cantinhos da leitura, manuseio de diversos materiais impressos e atividades de privilegiam o contato com a escrita através da leitura mediada pelo professor que se faz possível o início da alfabetização.

## **CONSIDERAÇÕES**

A problemática discutida neste texto parte da premissa de que as habilidades de ler e escrever são condições para a formação do cidadão consciente, ativo e autônomo na sociedade atual, que cada vez mais valoriza a cultura escrita.

Para tanto, apresentamos de forma breve os conceitos dos termos alfabetização e letramento para que pudéssemos reconhecer o papel do ensino das primeiras letras como a pedra angular na formação do aluno leitor, pois a escola é a principal responsável pelo ensino da tecnologia do ler e escrever, além de ser dela a promoção da utilização social da língua escrita e do envolvimento dos indivíduos em seu contexto social através da linguagem escrita.

Dessa maneira, reafirmamos e defendemos a ideia de que é fundamental que o aluno tenha um domínio da linguagem e, reiteramos, que a clareza de sua exposição ideológica se faz através da boa expressividade através da oralidade e escrita para que ocorra efetivamente a sua participação social, pois é por meio da língua que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende seus pontos de vista e constrói seu conhecimento.

Assim sendo, levantar as concepções acerca da alfabetização e letramento, dos alunos matriculados em cursos de licenciatura do Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul é bastante oportuno e pertinente, tendo em vista que serão eles os futuros profissionais da educação e que a partir de suas práticas pedagógicas dependerá a formação do sujeito leitor, capaz de lidar com os usos sociais da linguagem nas mais diferentes esferas da sociedade letrada.

Neste sentido, os dados coletados nos permitem inferir que a concepção de alfabetização trazida pelos acadêmicos questionados dos cursos de licenciatura do Campus do Pantanal ainda está muito ligada a ideia de alfabetização como mero mecanismo de codificar

e decodificar signos, salvo alguns que ampliaram esse conceito conciliando o ato de ler a capacidade de interpretação de palavras e textos.

Quanto ao termo letramento, a maior parte dos inquiridos não conhecia o termo e os que arriscaram a defini-lo partiram da concepção do senso comum e remeteram o letramento ao domínio de regras gramaticais da língua e ao domínio pleno da leitura e da escrita.

Por outro lado, quando perguntado sobre os caminhos que escola vem percorrendo ao trilhar uma forma correta de ensinar a ler e a escrever a maior parte desacredita no sucesso e atribui o insucesso na metodologia adotada atualmente por nossos educadores.

Por fim, podemos perceber que todos acreditam que saber ler e escrever é primordial para viver em uma cultura letrada na atualidade. Considerando ler e escrever como ferramentas capazes de mudar a realidade do sujeito individualmente e coletivamente.

## REFERÊNCIAS

ARENA, D. B. A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita. In: SOUZA, R. J. de. et al. *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p. 13-44.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, M. *Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

ECO, U. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

\_\_\_\_\_. *Seis passeios nos bosques da ficção*. Carnaxide: Difel, 1994.

ESPÍNDOLA, A. L. *Tornar-se leitor nos primeiros anos de escolarização: entre o eu e o nós*. (mimeo) S/D.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2005.

GIROTTI, C. G. G. S; SOUZA, R. J. Estratégia de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, R. J. de. et al. *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p.45-114.

GONSALVES, E. P. *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica*. Campinas, SP: Alínea, 2005.

JOLIBERT, J. *Formar crianças leitoras*, Porto: Edições Asa, 1991.

KLEIMAN, A. B. *Os significados do letramento*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C. *Alfabetização: método sociolingüístico: consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire*. São Paulo: Cortez, 2007.

MORTATTI, M. R. L. *História dos métodos de alfabetização no Brasil*, MEC, 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf\\_mortattihistt\\_extalfbbr.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihistt_extalfbbr.pdf)>. Acesso: 19 set. 2011.

SIM-SIM, I. *Ler e ensinar a ler*. Lisboa: Asa, 2006.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002

\_\_\_\_\_. *As muitas facetas da alfabetização*. In: *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, p. 13-27, 2003a.

\_\_\_\_\_. *Letramento e escolarização*. In *Cadernos de Formação – Alfabetização*. São Paulo: UNESP, p. 79-98, 2003b.

\_\_\_\_\_. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. *Presença Pedagógica*. Dimensão, v. 14, n. 81, p. 23-36, mai./jun., 2008.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1998.

TARDIF, M. *Saberes docente e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TOZONI-REIS, M. F. C. *A pesquisa e a produção de conhecimentos*. Introdução à Pesquisa em Educação. Cadernos de formação: Univesp. São Paulo, 2011.